

ANTONIO CANDIDO E OS ESTUDOS CULTURAIS: PERCURSOS CRÍTICOS ENTRE LITERATURA E SOCIEDADE¹

João Batista Pereira²

RESUMO

O pensamento de Antonio Candido tem acompanhado as pesquisas acadêmicas no Brasil desde meados do século XX, sobretudo por focar as relações entre literatura e sociedade. Essa diretriz teórica, que recupera conexões da estética com representações ideológicas, históricas, políticas e econômicas foi instituída pelo crítico em conceitos fundamentais para compreender o país e sua cultura. Entre eles, citamos o diálogo entre o processo formativo da literatura e a tradição; o princípio da casualidade interna; as relações dialéticas das letras com a sociedade; o conceito de sistema, além do papel da literatura para a formação do homem. Essas são proposições que guiaram uma relevante produção acadêmica e pessoal na história intelectual brasileira. Em direção análoga, mas com distinções substanciais, seguiram as teorizações que embasaram a criação dos Estudos Culturais, cujo horizonte antevia a Inglaterra sob uma tradição que ignorava novas formas de vida com a industrialização que vigia desde fins do século XIX. Os seus fundadores, Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Thompson, partilhavam a visão de que a história é construída a partir da interação entre a cultura e as relações de produção e, consequência da intersecção desses universos, eles encetaram uma reavaliação na forma de apreender a ideia de arte. Neste sentido, em suas teorizações deu-se uma cesura entre alta e baixa cultura, sendo acolhidas múltiplas expressões simbólicas, como a cultura popular e de massa, além de revisitar representações subalternas nas obras literárias, problematizando a percepção de gênero, identidade e questões étnicas, enfoques que passaram a valorizar a ética implicada na estética.

Palavras-chave: Antonio Candido, Estudos Culturais, Teoria, Cultura.

INTRODUÇÃO

A apreciação do objeto literário porta variadas possibilidades analíticas. Entre elas se destaca a percepção que o tem sob uma ótica imanente, centrado na arbitrariedade textual, ou, sob uma conotação ética, atenta ao diálogo entre literatura e sociedade. Essa dualidade permeia a arte desde a Antiguidade: Platão, antevia no reino das ideias a centralidade da representação da realidade, e, Aristóteles, refletiu sobre a expressão artística como uma criação autônoma, derivada da transfiguração do mundo. Em alguma medida, essas duas perspectivas permearam a ideia do fazer e da fruição da literatura ao longo do tempo, às quais alcançaram máxima

¹ Este texto é uma versão revista e ampliada de palestra proferida no I CONEIL – Congresso Nacional em Estudos Interdisciplinares da Linguagem, em mesa-redonda intitulada *Antonio Candido: um legado em questão*, realizado pelo PROGEL / UFRPE, no dias 23, 24 e 25 de setembro de 2020.

² Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PROGEL, na UFRPE. E-mail: jmelenudo@hotmail.com

expressão no século XX. Teorias como o Formalismo Russo e o *New Criticism*, centradas na imanência textual, foram contrapostas por leituras que ressaltaram os vínculos entre texto e contexto, a exemplo das leituras de Georg Lukács, Walter Benjamin e Theodor Adorno. A permanência dessas visões de mundo na literatura demonstra a amplitude de questões que reverberam até a atualidade. Os percursos desenvolvidos pelos Estudos Culturais, na Inglaterra, e por Antonio Candido, no Brasil, ilustram a importância desse legado.

DESENVOLVIMENTO

Como corrente de pesquisa voltada para repensar as expressões culturais na Inglaterra, com o livro *As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*, de Richard Hoggart, em 1957, os Estudos Culturais surgiram como uma crítica à burguesia, detentora de um patrimônio literário que encontrava suas razões no movimento romântico. O horizonte das reflexões do historiador tinha em mente contestar premissas estéticas defendidas por escritores como Thomas Carlyle, Matthew Arnold, William Morris e Frank Raymond Leavis, que pretendiam civilizar o povo nos moldes previstos pela tradição. O pano de fundo do livro contempla o êxodo rural e, como efeito desse movimento, os novos modos de vida que exigiam uma revisão da ideia de cultura, a ser repensada para alcançar e representar não apenas aqueles que faziam parte das classes privilegiadas, mas, também, os operários que passaram a compor o panorama urbano inglês.

Com o intuito de registrar o cotidiano desses trabalhadores, desprovidos de qualificação acadêmica e sem usufruir das expressões artísticas eruditas, Hoggart iniciou uma revisão da história material da cultura operária. A obra, que apreendia a arte como um dos sustentáculos de um empreendimento político e intelectual mantido pelas classes dominantes, identificava a literatura como uma expressão essencial para endossar questões sociais que assediavam as elites inglesas desde fins do século XIX, utilizando-a para perpetuar relações de poder. No cerne das proposições do autor havia uma resistência às teorias mecanicistas e imperativos mercantilistas vigentes na Inglaterra, que foi acompanhado por Raymond Williams e Edward Thompson, ambos ligados à educação de adultos, que também se opunham a essa realidade por meio do ideário marxista.

Raymond Williams inicia esse percurso com a publicação do livro *Cultura e sociedade*, em 1958, no qual faz uma genealogia do conceito de cultura na Inglaterra por meio dos seus escritores, explorando o inconsciente da sociedade a partir de termos como cultura, massas, multidões e arte, contextualizando a história das ideias sobre uma história do trabalho social.

Para ele as noções, práticas e formas culturais tinham um alcance mais amplo, servindo para cristalizar atitudes que exprimiam regimes, sistemas de sensibilidades e de mentalidades. Por seu turno, Edward Thompson, em *Formação da classe operária inglesa*, de 1963, se centrou na história de vida e nas práticas de resistência desse grupo social. Ele mostrou que essa classe não era instituída somente por termos econômicos, mas também por meio dos seus conflitos e processos de transformação, descrevendo sua consciência manipulada dentro dos termos que definiam a cultura. Parte dessa experiência, de forte teor ideológico, determina as relações produtivas nas quais os homens nascem e a elas são inseridos de modo involuntário.

Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Thompson, portanto, partilham da visão de que a história de um povo é construída a partir da interação mantida entre cultura e relações econômicas, correlação que surgiu como pressuposto para que eles elaborassem a noção de resistência ao capital que predomina em suas teorizações. Como consequência do antagonismo instaurado entre arte e sociedade, em suas análises os condicionantes éticos passaram a ter proeminência sobre os estéticos. Não sem razão, no amplo escopo de cultura preconizado em suas obras a arte passou a acolher expressões populares e a problematizar como a percepção de gênero, de identidade e questões étnicas afetam as relações sociais, leitura que alcançou desde programas de televisão até estilos de vida da juventude. Uma área em que esses ditames teóricos encontraram maior receptividade foi na literatura: a releitura de poemas, romances, contos e novelas passou a perscrutar como representações canônicas, abrigadas na tradição, silenciavam e subalternizavam a voz das minorias.

Alheios às singularidades da nossa sociedade, os Estudos Culturais chegaram ao Brasil com algum atraso: por aqui já ocorria uma crítica de cultura desde a década de 1930 por outras razões, em outros sentidos e com outros fins. Os primeiros registros que estabeleceram vínculos entre o componente cultural e suas intersecções com a formação social se deram com os livros *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre, em 1933, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, em 1936, e, *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior, em 1942. Essas foram obras que desmistificaram a retórica liberal vigente e apontaram caminhos para repensar a constituição e as mudanças que definiram o país como nação. É no bojo dessa iniciativa que se soma a obra *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido.

A inserção de Antonio Candido nesse processo de redescobrimto da nossa história decorreu de uma condição institucional: a fundação da Universidade de São Paulo, em 1934. Não para ensinar a trabalhadores, como viria a ocorrer com os Estudos Culturais, na Inglaterra, mas inserida no projeto de uma elite que visava dotar a cidade de São Paulo de contornos modernos. Nesse contexto, sua obra moldou uma nova maneira de perceber a literatura, o que

foi chamado pelo próprio autor de um ‘radicalismo modesto’. Essa leitura de mundo, unindo arte e sociedade, foi pronunciada nos livros *O método crítico de Silvio Romero*, de 1945, e, *Os parceiros do Rio Bonito*, de 1954, ambos situados no espectro das Ciências Sociais. A origem do olhar sociológico de Candido surgiu na revista *Clima*, onde ele empreendeu uma crítica aos valores atemporais caracterizadores da cultura, revendo a contrapelo a realidade nacional.

Nesse contexto deve ser apreendida a publicação de *Formação da literatura brasileira*, em 1959, no qual foi proposto que a literatura no Brasil se formou como um sistema envolvendo autor, público e obra, esquema explicado de um ponto de vista sociológico. A arte, de maneira geral, sendo um sistema simbólico de comunicação inter-humana, subtende a articulação permanente entre esses três elementos. Mutuamente, eles conferem sentido uns aos outros, ajudando a entender, se não a essência da arte, ao menos a formação e o destino de suas obras. Adotando essa tríade como arcabouço analítico, Candido apontou as condições da produção literária no país, associando o impulso nacionalista da Independência à configuração de um público, à definição do papel do escritor e à formação da literatura como um todo orgânico.

Nesse livro fica evidenciada uma das suas contribuições mais duradouras: longe de tratar as obras literárias como veículos portadores de valores universais, ele demonstra que elas devem ser apreendidas como via para explicitar uma relação dialética entre o interno e o externo. Nesse enfoque, que antevê os condicionantes históricos como recursos essenciais para entender os fundamentos estéticos de uma obra, ressoa um pormenor decisivo e original proposto por Candido: os elementos da exterioridade devem ser convocados, sempre e apenas quando autorizados pelo texto, para iluminar a fatura textual. Dialeticamente, essa proposta engloba fundo, forma e conteúdo, reiterando a autonomia da arte, sem se escusar de trazer à baila as contradições sociais nela implicadas.

A consolidação dessa visão de mundo e como ela servia para entender a formação do Brasil viria com textos publicados entre 1953 e 1961, reunidos no livro *Literatura e sociedade*. Neles era antecipada a tese esposada na *Formação da literatura brasileira*, pautados em análises de cunho histórico-sociológico sobre o fenômeno literário, desta feita, estendendo sua leitura a textos situados em período posterior ao da formação da literatura nacional. Candido se ocupa em repensar a relação entre o texto e seu condicionamento social; sobre como em determinada literatura, gênero ou período reverberam condições sociais; sobre a percepção do texto como espelho da sociedade; o estudo da ação recíproca entre público e obra; o exame da função política das obras e dos autores; e a investigação das origens da literatura.

Esses modelos, até então presentes na crítica de forma estanque, por promoverem uma dicotomia entre fatores sociais e textuais, distanciavam-se de sua proposta. Ele vai considerar

os fatores sociais como constitutivos da estrutura da obra, ou seja, quando autorizado pelo texto, o externo passa a ser assimilado como fator interno. Em suas palavras, os estudos de *Literatura e sociedade* procuram focalizar os níveis de correlações mantidas entre essas duas instâncias. Com esse recurso ele evita aderir à abordagem mais usual sobre o assunto, o paralelístico, que consiste em situar, de um lado, os aspectos sociais e, de outro, a sua ocorrência nas obras, sem uma mediação sobre a interpenetração mantida entre esses dois universos.

Sendo inescapável reconhecer a existência de simetrias entre essas teorizações e as dos Estudos Culturais, seja sob o ponto de vista epistemológico, guiadas pelo ideário marxista, seja pelos objetos de estudo, a literatura, com a exposição desses percursos críticos o nosso propósito é ressaltar o impacto dessas propostas na atualidade. As considerações abaixo buscam tecer algumas distinções entre esses projetos e como as leituras de Antonio Candido tiveram o seu alcance limitado.

Um primeiro senão a ser feito é de ordem político-econômica, a partir da qual se pode falar em eventuais pontos de convergência entre a crítica de Candido e os estudos sobre cultura na Inglaterra. Maria Elisa Cevalco, no livro *Dez lições sobre os Estudos Culturais*, lembra que, investir nesse recurso comparativo não visa estudar influências, mas detectar semelhanças entre projetos e formações compatíveis, sem ignorar distinções entre sociedades tão diferentes como a inglesa e a brasileira. Para a autora, a ideia não é olhar como um projeto cultural de um país central e exportador é imitado, ou apenas recusado por ser estrangeiro, imaginando o Brasil como uma nação periférica, mas pensar nos dois países em permanente relação. Relação desigual, mas que oferece a chance de assimilar o campo nacional como um espaço sociológico diferente, diverso do dos países centrais, mas não alheio a eles, cujo elo principal é a presença do capital em suas formas de desenvolvimento.

O ponto de partida de Cevalco para observar congruências entre as realidades do Brasil e da Inglaterra e, a partir delas, rever as propostas de Candido e dos Estudos Culturais merece ser refletido. Isto pode ser feito a partir das semelhanças entre os projetos e a formação dos dois países que, para a autora, soariam como compatíveis. Sem informar referências que determinem essa compatibilidade, salvo o regime econômico, ponderamos que a condição de país periférico detida pelo Brasil, contrária à sua afirmação, não é apenas imaginada. Enquanto os Estudos Culturais se voltaram para refletir sobre os efeitos da modernidade tardia na Inglaterra, sinalizando para as consequências de um projeto iluminista inacabado ainda no século XX, o Brasil, referenciado por Candido, ainda era um país agrário, tateando em busca de respostas para explicar sua formação. Inclusive, mesmo a asserção de que o capital os aproximava pelo regime econômico, deve ser relativizado: aqui, reinava um capitalismo predatório que pouco

ou nada lembrava o bem-estar social do país europeu. À luz de contextos tão díspares, a possibilidade de se pensar os dois países em permanente relação, ainda que desigual, pode ter relevância, mas não sem esquecer a situação em que eles se encontravam no âmbito econômico e, principalmente, no cultural.

Como resposta a essa realidade deve ser percebida a teorização de Candido: periférica, e à margem de uma Europa reconhecida como berço do saber ocidental, mas extremamente original e, esteticamente, mais consistente do que aquela empreendida pelos Estudos Culturais. O legado de suas proposições repercutiu no Brasil e em países da América Latina, atestando o relevo de propostas que ofereciam possibilidades de diálogo com a história e a cultura de países deslocados da Europa. Se viriam a ser patentes as semelhanças ideológicas de sua mirada com a dos teóricos ingleses, lembramos que seu olhar em relação à literatura não foi influenciado por eles, inclusive, por fatores temporais. Distinto dos Estudos Culturais, cujo foco se centrou na cultura de forma mais ampla, a leitura de Candido alcançou uma relevante apreciação do objeto literário. E ele o fez a partir de rigorosa leitura textual, sendo intransigente na defesa da arte como uma criação autônoma, cabendo a ela autorizar eventuais inferências a serem feitas pelos elementos externos.

Sugerimos ser esta uma diferença fulcral entre as propostas aqui apresentadas, indicando uma superioridade qualitativa na forma como o crítico brasileiro acolhe a literatura: ela é um recurso transfigurador da realidade, com todas as implicações éticas que lhe são intrínsecas, mas sem deixar de apreendê-la como expressão simbólica com princípios linguísticos, formais e estruturais a serem respeitados. O rigor desse instrumental metodológico, longe de ser um mero pormenor, alcança outras significações além da estética, ao contestar, por meio da crítica literária, as visões obscurantistas de cada tempo. Esse sentido é alcançado por um pensamento que se afigurou como um libelo a favor da literatura como expressão autônoma, mas também edificadora da humanidade do homem, colaborando no alargamento da sua existência ao fazê-lo transcender a realidade e conhecer outras dimensões a partir da ficção. É determinada pela condição de país periférico, portanto, que devem ser percebidas as limitações que esse modelo crítico teve para alcançar outros horizontes acadêmicos.

Enquanto o Brasil, país onde se originou a teorização de Candido, foi um fator limitador para sua assimilação, o lugar ocupado pela Inglaterra, como nação difusora de tendências literárias, não foi a única razão para a disseminação dos Estudos Culturais. Após sua insurgência nos anos 1960, eles foram um espectro que passou a rondar os departamentos de literatura nas universidades de todo o mundo, como lembra Cevalco. Ao rasurar a ideia de alta e baixa cultura, de tornar manifesta a importância da cultura popular e da cultura de massa, além de envolver a

vida cotidiana como critério balizador da arte, eles se opuseram às razões tradicionalmente utilizados pela crítica literária. A emergência desse enfoque teórico propiciou o surgimento da Teoria Feminista, dos Estudos Pós-Coloniais, da Teoria Queer, da Ecocrítica, que passaram a responder de forma mais incisiva ao componente ético presente nas obras ficcionais.

Constatar a força dos valores adotados na contemporaneidade para definir o que é, o que significa, qual é o sentido e como a apreensão da literatura responde cada vez mais a demandas éticas em detrimento da estética, é reconhecer o espírito de um tempo que se distancia do que já foi chamado de alta literatura. Aquela definida como narrativas modelares, formadoras de princípios, textos ficcionais que desvelam novos sentidos, sedimentando a memória e atuando como suporte para transfigurar a existência, como definiu Leyla Perrone-Moisés. Haja vista que essa transformação na percepção do objeto literário decorreu de um processo histórico, é historicamente que ela deve ser considerada, soando inócuas afirmações como a de Harold Bloom, que nominou os Estudos Culturais de Escola do Ressentimento, por eles restituírem valor às vozes silenciadas pelos vencedores de cada época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim e ao cabo, como situar o pensamento de Antonio Candido em meio a essas discussões, para quem a literatura foi um meio para reescrever nossa história, sem deixar de ser um saber autônomo, com regras próprias e particulares? Ainda que assenhoreado pelo viés marxista, e, talvez, também por isso, a ressonância do seu ideário ficou limitado ao Brasil e a alguns países da América Latina, por questões políticas, econômicas e culturais. Mas, é lícito insistir, principalmente, por mudanças na maneira de o homem estar e se perceber no mundo. A microhistória, defendida pela Escola dos Annalles, o Pós-Estruturalismo, que resgatou o texto ficcional do limbo Estruturalista, a luta pelos direitos civis, nas décadas de 1960 e 1970, além do protagonismo da ideologia, nos Estudos Culturais, foram movimentos que responderam ao espírito de um tempo que esfiapou a visão de literatura condicionada apenas pelos registros linguístico, formal e estrutural como valores precípuos. À guisa de conclusão, constata-se que a função, o valor, o sentido e o significado da expressão artística materializada pela escrita se transformaram. E, claro está, não é somente à arte que essa transformação alude. Ela fala de e a todos nós.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8 ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre os Estudos culturais**. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

FRANÇA, Susani Silveira Lemos. Antonio Candido: um crítico que fez história. In: CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8 ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.

MATTELART, Armand; Neveu, Érik. **Introdução aos Estudos Culturais**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

